

O clima após Trump: um guia para os perplexos

Categories : [Notícias](#)

A notícia de que Donald Trump teria batido o martelo pela saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris se espalhou como fogo em barril de petróleo desde que foi publicada pela primeira vez, na manhã desta quarta-feira (31), pelo site noticioso americano *Axios*. Ainda pela manhã, fontes na Casa Branca confirmaram a informação a diversos outros veículos, até que o próprio presidente correu para seu meio de comunicação favorito, o Twitter, para desautorizar a mídia: “Vou anunciar decisão sobre o Acordo de Paris nos próximos dias”. Mas deixou uma pista agourenta no fim do tuíte: “Tornar a América grande novamente”.

A virtual saída do acordo não é grande surpresa para quem acompanha os passos do líder americano. Trump, afinal, se elegeu sob a promessa de “cancelar” o Acordo de Paris, e desde sua posse já deixou claro que acha de verdade que o aquecimento global é uma “fraude” para prejudicar a economia dos EUA: cortou programas de ciência climática e o orçamento da EPA (Agência de Proteção Ambiental), e autorizou a agência a matar o Plano de Energia Limpa de Barack Obama, principal instrumento de cumprimento da NDC, a meta americana no acordo do clima.

Mesmo assim, a decisão de Trump tem repercussões sérias para o Acordo de Paris e para o resto do mundo. Entenda nas perguntas e respostas abaixo o que a saída americana pode e o que não pode significar para a luta contra a crise do clima.

1 – É o fim do Acordo de Paris?

De jeito nenhum. O acordo está em vigor desde 4 de novembro do ano passado e já foi ratificado por 147 países, inclusive os EUA. Dos 196 membros da ONU, apenas dois, Síria e Nicarágua, não são partes do acordo. A saída dos EUA não tem efeito retroativo sobre a entrada em vigor, então, pelo menos do ponto de vista formal, tudo fica como está, só que com um país a menos. O secretário-geral da ONU, António Guterres, disse na última terça-feira, sem citar Trump, que, se algum governo “duvida da vontade e da necessidade global desse acordo, isso é razão para os outros se unirem mais ainda” em torno dele.

2 – A decisão de sair tem efeito imediato?

Não. Pelas regras legais do Acordo de Paris, é preciso uma espécie de “aviso prévio” de três anos até que a saída de uma das partes se efetive. Nesse meio tempo, os EUA serão uma espécie morto-vivo nas negociações internacionais: seus diplomatas poderão participar das reuniões, mas não terão mais nenhuma influência nas decisões que venham a ser tomadas sobre o acordo. Um risco existente é que os EUA nesse “modo zumbi” sintam-se tentados a bloquear

decisões dos outros países pelos próximos três anos – já que tudo na ONU é decidido por consenso. No entanto, os presidentes das conferências do clima também poderão se sentir livres para bater o martelo mesmo diante de objeções americanas.

3 – Qual é o impacto da saída sobre a negociação?

É imenso: os EUA são o maior emissor histórico de gases de efeito estufa e um dos principais doadores do Fundo Verde do Clima, que precisa chegar a US\$ 100 bilhões por ano a partir de 2020. Com os americanos fora, o mundo fica com um buraco na ambição coletiva das metas de corte de emissões e um buraco ainda maior no financiamento climático, o que elevará ainda mais a tensão que já existe entre países desenvolvidos e em desenvolvimento sobre quem paga a conta.

Outro efeito temido é que outros países sigam o exemplo dos EUA e abandonem o acordo ou reduzam a prioridade do cumprimento das suas metas – que, afinal, são voluntárias e não levam a punição caso não sejam cumpridas. Nações como a Rússia e as Filipinas já ameaçaram recuos. A liderança americana nos últimos anos também era importante para moderar países como Austrália e Nova Zelândia, tradicionalmente refratários à ação no clima. Sem ela, esses países perdem o superego, por assim dizer.

Mas o principal impacto da saída dos EUA é psicológico: muitos países recentemente “convertidos” à causa climática na época da assinatura do Acordo de Paris poderão deixar de tratar o tema como prioridade, mesmo mantendo-se formalmente fiéis ao acordo. Um exemplo claro é o Brasil, que está aumentando suas emissões.

4 – O que acontece agora com as metas de 1,5°C e de 2°C do Acordo de Paris?

A chance de estabilizar o aquecimento em 1,5°C, que é o objetivo mais ambicioso do Acordo de Paris, fica praticamente fora de alcance. Mas isso independe da saída americana do tratado – o problema principal é que, para o mundo ter uma chance de pelo menos 50% de 1,5°C, os EUA e todos os outros países precisariam acelerar o corte de emissões nos próximos quatro ou cinco anos. A eleição de Trump e a rejeição do Plano de Energia Limpa significam que isso não vai acontecer.

A meta de segurar o aquecimento “bem abaixo de 2°C” está sob risco, mas ainda não pode ser descartada.

As metas nacionais (NDCs) apresentadas pelos países em Paris não dão conta dos 2°C: elas põem o mundo no rumo de 2,7°C a 3,1°C de aquecimento neste século e demandariam um aumento significativo da ambição. E nem mesmo elas estão garantidas: os EUA, por exemplo, precisariam de várias políticas adicionais ao Plano de Energia Limpa para cumprir sua NDC, que previa entre 26% e 28% de redução até 2025 com relação a 2005. Vários países em

desenvolvimento têm metas condicionadas a financiamento externo – que, sem a contribuição dos EUA, deve minguar. Os países ficaram de se encontrar em 2018 para começar a conversar sobre o aumento da ambição das metas. Sem os EUA e sem dinheiro na mesa, não há clima para esse diálogo.

A decisão de Trump de cancelar o Plano de Energia Limpa e um outro plano de Obama que previa o aumento da eficiência dos motores de automóveis deve inverter o sinal das emissões americanas: elas vinham caindo paulatinamente, mas deverão subir ligeiramente, em 400 milhões de toneladas, até 2030.

Os 2°C ainda não estão completamente fora da mesa por causa da inesperada velocidade com que as energias renováveis vêm caindo de preço e sendo adotadas por países como Índia e China. Segundo uma análise recente do [Climate Action Tracker](#), os dois gigantes asiáticos estão no rumo de exceder suas NDCs, e em muito: em 2030, os dois somados deverão emitir 3 bilhões de toneladas de CO₂ menos do que se estimava um ano atrás, o que mais do que compensaria a reversão da curva de emissões dos EUA.

5 – Quem vai preencher o vácuo de liderança dos EUA?

A resposta é óbvia: União Europeia e China, o terceiro e o segundo maior emissor de gases de efeito estufa. A UE é tradicionalmente quem puxa por mais ambição nas negociações climáticas, e a China foi persuadida por Barack Obama e pelo mercado multibilionário de energia renovável a tornar-se mais proativa nessa agenda. A China ultrapassou os EUA como o maior investidor em energia renovável, com US\$ 102,9 bilhões investidos em 2015. Até 2020, esse investimento deverá criar 5.000 empregos *por dia* no país. A maior indústria eólica do mundo e as seis maiores fabricantes de painéis solares são chinesas.

6 – A economia americana se beneficia com a saída do acordo?

Não, ao contrário do que diz Trump. Os empregos no setor de energia suja, como o carvão, estão escassos por razões tecnológicas – e não por imposição das renováveis ou regulação ambiental. O gás natural é mais competitivo que o carvão, segundo o Programa de Economia Ambiental da Universidade Harvard, e foi por isso que esta fonte declinou nos EUA. Nada que Trump possa fazer trará o carvão de volta. Empresas de energia renovável e eficiência energética são grandes empregadores: as indústrias eólica e solar estão criando empregos 12 vezes mais rapidamente que o restante da economia. Uma pesquisa recente sobre emprego no mundo revela que 9,8 milhões de pessoas são empregadas por energia renovável no planeta, sendo 777 mil nos EUA. O emprego da indústria solar aumentou 25% em 2016 (373.807), ultrapassando os empregos na geração de energia de carvão (86.035), extração de petróleo e gás (180 mil) e mineração de carvão (50 mil).

7– A saída dos EUA de Paris significa que eles estão fora de qualquer debate climático?

Não. Todos os fóruns internacionais de que os EUA participam estão envolvidos em mudanças climáticas, incluindo o G7, o G20 e a Otan. Abordar a ação climática será inevitável para eles. Especialmente do ponto de vista econômico. Por mais que a vontade de Trump não seja a de ver prosperar a matriz energética limpa, ela já se estabeleceu nos alicerces da economia americana e se tornou uma opção mais competitiva. Em outras palavras, não depende da escolha dele. A decisão de Trump teria sido um golpe fortíssimo há pouco mais de dez anos, quando as principais decisões econômicas sobre a descarbonização estavam sendo tomadas. Felizmente, no contexto atual, seu poder é limitado.

8 – Sem o governo federal envolvido, há algo que os americanos possam fazer no clima?

Sim. Pesquisa recente mostrou que 71% dos americanos são favoráveis à permanência dos EUA no Acordo de Paris. Mais da metade (55%) dos eleitores de Trump apoia as políticas atuais sobre mudanças climáticas e a expansão da energia renováveis, como a solar (84%). Então há amplo apoio popular à ação climática e rejeição às políticas do governo.

Estados americanos como a Califórnia anunciaram que devem manter suas metas de redução de gases. Massachusetts, New Hampshire e Nova York planejam reduzir as emissões em 80% até 2050, em comparação com os níveis de 1990. A cidade de Nova York anunciou que vai reduzir as emissões em 80% até 2050, e, Los Angeles, que está desenvolvendo um plano de energia 100% renovável.

9 – A relação dos EUA com os outros países sofrerá algum impacto?

Já está sofrendo, e quem viu o presidente francês Emmanuel Macron [ignorar solenemente Trump](#) na reunião do G7 sabe disso. A confiabilidade, a credibilidade e a competência do governo americano estão sendo questionadas, em parte porque a maior parte dos países está comprometida com o Acordo de Paris. O G7 criticou a falta de compromisso do governo Trump na semana passada e a chanceler alemã, Angela Merkel, sugeriu que a Europa não pode mais contar com o antigo aliado.

Eventualmente, essa desconfiança pode azedar para disputa na OMC: é cada vez maior o número de especialistas que defendem que produtos americanos intensivos em carbono sejam tarifados no futuro, num cenário em que os parceiros comerciais dos EUA adotem medidas de descarbonização.

*Republicado do [Observatório do Clima](#)
através de parceria de conteúdo.*

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/blogs/salada-verde/trump-adotara-medidas-para-desmantelar-agencia-ambiental-americana/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/mr-trump-ou-nada-e-tao-ruim-que-nao-possa-piorar/>

<http://www.oeco.org.br/especiais/cop21/tarde-demais-para-o-acordo-do-clima/>